

Juventude marginal: Trajetória de vida de Miro na periferia metropolitana de Belo Horizonte

Marco Antônio Couto Marinho

Pesquisador associado ao INCT Observatório das Metrópoles

A partir de uma pesquisa etnográfica e biográfica, este artigo apresenta a trajetória de Miro, um jovem de 22 anos, negro e residente na região do Estrela d'Alva, periferia metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, história marcada por episódios de alta incidência de homicídios juvenis, tráfico de drogas e segregação social. O objetivo deste trabalho é contribuir para o debate sobre as novas configurações da desigualdade social no Brasil metropolitano a partir da análise de uma "trajetória de vida" como alternativa epistemológica para a construção de conhecimento social. Por meio dos "percursos de vida" de Miro, expõem-se limites impostos à inserção social de sujeitos que partilham de um status semelhante ao do "imigrante" clandestino na sociedade.

Palavras-chave: trajetória de vida, desigualdade social, juventude, periferia metropolitana, Estrela d'Alva

By means of an ethnographic and biographical research, the article **Marginal Youth: Miro's Life Trajectory in the Metropolitan Periphery of Belo Horizonte** presents the trajectory of Miro, a 22-year-old black male resident in the Estrela d'Alva region, metropolitan periphery of Belo Horizonte, Minas Gerais, a life marked by episodes of high incidence juvenile homicides, drug trafficking and social segregation. The objective of the paper is to contribute to the debate on the new configurations of social inequality in metropolitan Brazil, based on the analysis of a "life trajectory" as an epistemological alternative for the construction of social knowledge. Through Miro's "life paths", limits are imposed on the social insertion of subjects who share a status similar to that of the clandestine "immigrant" in society.

Keywords: life trajectory, social inequality, youth, metropolitan periphery, Estrela d'Alva

Introdução

Este artigo tem como objetivo contribuir para o amplo e recente debate sobre novas configurações da desigualdade na sociedade brasileira produzido nas ciências sociais, partindo da análise de uma "trajetória de vida" (ADORNO, 1993; CANO, 2001; MARICATO, 2003; FELTRAN, 2010; MISSE, 2010). De um modo geral, a literatura especializada tem apontado o paradoxo – notado nos últimos 30 anos – da expansão do estado de direito e da urbanização concomitantes ao crescimento das taxas de homicídios juvenis e da persistência da desigualdade social¹ durante um período de novas conexões com o capitalismo global e de rearticulações dos sistemas produtivos internos de diversos países (CARDOSO, 2008; PINHEIRO-MACHADO, 2008). Nesse período, a desigualdade no país assumiu novas configurações sociais, que se expressaram sobretudo no campo do acesso aos direitos fundamentais, em

Recebido em: 27/03/2014

Aprovado em: 11/03/2015

¹ Um período no qual indicadores macrossociais apresentaram de um modo geral avanços frente à estagnação de mais de 20 anos desde a chamada "década perdida" (de 1980), relativos à diminuição do analfabetismo, da mortalidade infantil (acompanhado de queda da natalidade), das taxas de desemprego a partir de 2003 (CARDOSO, 2008), além do aumento do poder de consumo via financiamentos públicos e privados, geralmente interpretados acriticamente como "mobilidade social" ou sinais do surgimento de uma "nova classe média" (NERI, 2010). Por outro lado, o massacre social produzido pelas políticas de segurança pública faz questionar os rumos da sociedade atual, não só no Brasil, como em outros países (WACQUANT, 2009; BOURGOIS, 2003).

especial aos direitos à vida e à liberdade. Segundo Michel Misse (2010), a redemocratização não implicou em universalização da cidadania, além de explicitar os conflitos sociais a partir da negação de direitos a determinados grupos sociais, principalmente com relação àqueles os mais vitimados pela violência. No debate atual, busca-se a compreensão sobre como a sociedade produz e reage às mortes violentas que geralmente atingem um perfil específico de indivíduos: jovens negros ou pardos, residentes em áreas urbanas classificadas como “periferia” ou “favela” (ZALUAR e ALVITO, 1998; VALLADARES, 2005; FELTRAN, 2010).

Uma questão presente neste debate, sob diferentes abordagens, explícita ou implicitamente, é que na sociedade brasileira prevalece um senso de justiça social favorável a essas mortes, devido a elas serem consideradas moralmente “corretas” quando a vítima é um indivíduo socialmente identificado como “bandido” (MACHADO DA SILVA, 2004; SOARES, 2005; MISSE, 2010; FELTRAN, 2010). E não será qualquer agente criminoso que será alvo dessa “justiça social” configurada por meio de uma pena capital extralegal geralmente dirigida a um tipo social específico sobre o qual recai o que Misse (2010) chama de “sujeição criminal”. Para o autor, a qualificação de um indivíduo como bandido é, sob essa perspectiva, uma construção social que reflete a estratificação econômica e moral. É um processo de subjetivação no qual o crime como categoria genérica passa a ser socialmente representado por determinados tipos de personalidade presentes em sujeitos “portadores” “naturais” do comportamento criminoso, como se esse fizesse parte da sua própria essência. Não se trataria de desvio da norma, nem mesmo de comportamento desviante, mas, sim, da relação com o que é institucionalmente reconhecido como crime. Portanto, Misse destaca que na sujeição criminal a expectativa é de que o bandido seja socialmente reconhecido como um indivíduo irrecuperável, cuja índole má é inerente seu processo de subjetivação.

Nessa mesma direção, por meio da categoria “jovem da periferia”, Feltran (2010, p. 334) apresenta um tipo social que se situa de modo muito particular na estrutura da sociedade. Segundo o autor, trata-se de um tipo que porta um estatuto social semelhante ao de um “imigrante clan-

destino” em sua própria sociedade, isto é, uma pessoa que não porta cidadania. Mesmo que venha a integrar-se na sociedade por meio do trabalho, essa integração geralmente ocorre em uma situação de ilegalidade. A condição de jovem da periferia seria, portanto, ambígua, no limite entre as categorias “trabalhador” e “bandido”. Ela exporia os conflitos que atravessam e constituem a experiência cotidiana dos jovens da periferia, que, segundo o autor, é um fator com estreita relação com a expansão do mundo do crime nessas áreas. Essa categoria, no autor, então, dialoga com o “tipo social alvo da sujeição criminal” em Misse (2010). As duas categorias sociológicas fazem referência a indivíduos situados à margem dos mercados econômicos e simbólicos da sociedade, ocupando, por esse motivo, uma posição fronteiriça. Tal situação gera um espectro de indefinição sobre seu estatuto social: bandido ou trabalhador?

Ambos os autores, assim, discorrem sobre os processos sociais que afetam particularmente a determinados grupos de indivíduos, em sua maioria jovens, a partir de análises realizadas em espaços urbanos metropolitanos². Por outro lado, pouca atenção é dispensada às análises sobre como esses jovens portadores da sujeição criminal elaboram seus cursos de vida, sobre como realizam a transição para a vida adulta (PAIS, 2009). De acordo com este último autor, a juventude é um constructo social, sendo uma condição peculiar em nossa sociedade, na qual ocorre uma transição entre as fases da vida reconhecidas socialmente como infância e como adulta. É necessário compreender que essa transição envolve múltiplas dimensões da vida social e não apenas da vida individual e subjetiva de um indivíduo em particular, influenciando na construção de um determinado grau de “maturidade”, de “socialização” ou de “formação do self”, sendo também uma etapa delicada de transmissão dos capitais econômicos e simbólicos entre as gerações de distintas classes sociais. Sob esse prisma, a juventude representa uma etapa ou fase da vida decisiva na produção e na reprodução da desigualdade social, fase na qual afloram com mais intensidade os conflitos sociais estabelecidos pelas tensões entre as classes em torno da transferência dos capitais às gerações seguintes.

2 De um modo geral, abrangem contextos metropolitanos, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Ainda segundo Pais (Idem), a transição para a vida adulta geralmente é demarcada por meio de ritos de passagem socialmente condicionados, como, por exemplo, a inserção laboral, a conclusão de determinados níveis de escolaridade, o início da vida sexual, o nascimento do primeiro filho, a saída da casa dos pais, entre outras formas de demarcar um corte entre diferentes fases da vida. Para os jovens contemporâneos, então, os ritos ocorreriam em meio a uma situação de impasse em relação ao futuro, que compõe um dos traços mais marcantes da “condição juvenil” em geral. A partir dessa perspectiva, se considerarmos a categoria “jovem da periferia”, essa incerteza atingiria uma intensidade ainda mais profunda, pois a transição para a vida adulta seria constituída a partir de contextos de um constante estado de crise, no qual “os modos de vida da nova geração já são, majoritariamente, conformados pela permanência destas ‘crises’, e sua inescapabilidade” (FELTRAN, 2010, p. 45).

Com a intenção de contribuir para o debate sobre as novas configurações da desigualdade brasileira, propõe-se neste artigo uma reflexão sobre os processos sociais envolvidos na transição para a vida adulta de Miro, um jovem da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte, residente em um complexo de seis bairros denominado como Estrela d’Alva³. Essa “trajetória de vida” será apresentada sinteticamente por meio da construção de uma narrativa em torno de fragmentos biográficos relatados pelo próprio Miro, que se apresentou na entrevista como “preto” e “favelado”. Por fim, este artigo propõe uma reflexão sobre as alternativas de inserção social encontradas por ele em uma sociedade urbana e altamente hierarquizada.

3 Essa denominação se dá em função de o Bairro Estrela D’alva centralizar os serviços públicos e privados que atendem aos moradores residentes em bairros adjacentes como São Mateus, Tijuco e Confisco, bem como às vilas Sapolândia, Francisco Mariano e Morro do Cabrito, conformando assim uma região de convívio social para os habitantes dessas áreas. Em função disso, utilizo a expressão “região do Estrela D’alva”.

Brevíssimos apontamentos teórico-metodológicos sobre a trajetória de vida como possibilidade de construção de conhecimento social

A noção de “trajetória de vida” aqui apresentada envolve, fundamentalmente, a conjugação de dois métodos distintos de pesquisa social, a etnografia e a entrevista biográfica, dois dos tipos de abordagem mais frequentes entre profissionais do campo da etnologia e da história; contudo,

menos frequentes entre os sociólogos, os geógrafos, os cientistas políticos e profissionais de outros campos de pesquisa. O estudo de uma trajetória de vida busca compreender a sociedade sob o ponto de vista dos indivíduos que a constituem e que são seus elementos mínimos, corroborando as premissas epistemológicas da tradição antropológica de Franz Boas e Malinowski, com o objetivo de retomar a relevância da realização da etnografia urbana e dos métodos biográficos como fontes de conhecimento social, algo presente desde a década de 1920⁴ na Escola de Chicago.

De uma maneira geral, não há consenso nem significativos esforços de sistematização conceitual para o termo “trajetória de vida” no campo de estudos das chamadas ciências sociais. Prevalece uma polifonia conceitual sem muita consistência em torno dos sentidos relacionados ao respectivo termo que, apesar de compor o título de diversas obras, tem sido abordado como um conceito já definido, sem ambiguidade ou de entendimento implícito na maior parte dos casos, como, por exemplo, em Moraes (2009), Silva e Carlindo (2012), Carrano e Leão (2009), Malvasi (2012), Tommasi (2012), entre outros. O termo “trajetória de vida” tem sido recorrentemente empregado em análises de percursos escolares e laborais de indivíduos ou grupos, em abordagens de pesquisa oral de cunho biográfico, sem uma qualificação rigorosa a definir os sentidos teóricos e epistemológicos envolvidos em sua aplicação ou suas conexões com outras abordagens de pesquisa como, por exemplo, a observação etnográfica. Na contramão dessa tendência, Santos (2005, p. 6) arrisca uma definição conceitual para o termo “trajetória de vida”, que, segundo suas palavras, “não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial”.

Afinado à ideia de trajetória de vida aqui apresentada está também a proposta de Gonçalves, Marques e Cardoso (2012), a partir do conceito de etnobiografia, que fundamenta-se na conjugação epistemológica e metodológica dos métodos biográfico e etnográfico. Segundo os autores, a etnografia permite uma aproximação entre os universos sociais do pesquisador com os sujeitos biográficos, aproximação fundamental para a construção de narrativas

4 Destaca-se nesse panorama a obra *The Polish Peasant in Europe and America*, de William I. Thomas e Florian Znaniecki, publicado entre 1918 e 1920, tratando da inserção dos imigrantes polacos na sociedade americana.

sociais que contribuam para a dissolução de dualidades como indivíduo/sociedade e sujeito/cultura. Segundo algumas definições conceituais (Idem, p. 29), etnobiografia é “o produto de uma relação e de suas implicações a partir da interação entre pessoas situadas em suas perspectivas de vidas e culturas, tendo como pano de fundo suas percepções sobre a alteridade”.

Grosso modo, por trajetória de vida nessa chave compreende-se a construção de uma narrativa a partir de fragmentos biográficos interpretados à luz de experiências e reflexões extraídas de pesquisa etnográfica, realizada antes de uma entrevista biográfica. Nessa perspectiva, a etnografia permite ao pesquisador a apreensão dos “imponderáveis”, como colocado por Malinowski (1984), das situações e contextos nos quais só a realização de uma observação sistemática do cotidiano pode revelar, fornecendo, dessa forma, recursos de análise preciosos para a realização de entrevistas, bem como para a interpretação dos dados levantados. A construção da presente trajetória de vida envolve uma abordagem multimetodológica e transdisciplinar, buscando problematizar dimensões da vida em sociedade a partir de percursos individuais. É nesse sentido que, por meio de uma síntese da trajetória de Miro, “preto e favelado”, segundo sua própria definição, este artigo propõe uma reflexão sobre a desigualdade brasileira a partir de dilemas e alternativas de vida vividos por um jovem no contexto da periferia metropolitana de Belo Horizonte.

Apresentação do jovem

Miro é natural do Vale do Jequitinhonha⁵ e mora no Estrela d’Alva desde os 5 anos de idade. Lá, frequentou a igreja, a escola e envolveu-se intensamente com a religião, com o hip-hop e com o tráfico de drogas. À época da entrevista, estava com 22 anos e morava com sua mãe e três irmãos. Ao longo da conversa, fez questão de, como citei, declarar-se como “preto” e “favelado”. Também exerceu desde criança atividades laborais informais das mais diversas. Seus percursos escolar, religioso e no crime foram marcados por descontinuidades. Apesar disso, concluiu o ensino fundamental e ingressou na universidade, porém teve que

5 Região de Minas Gerais, historicamente marcada por desigualdades sociais extremas, pobreza, trabalho escravo ou semi-escravo (boias frias), processos migratórios relacionados ao deslocamento de mão-de-obra para lavouras de cana em Minas Gerais e São Paulo (NUNES, 2001).

abandoná-la ainda no início. Quando foi feita a entrevista, ele estava vinculado a ações relacionadas à promoção da cultura hip-hop, tais como duelo de rimas, dança de rua e mostra de filmes (cineclube) na periferia. Contudo, cerca de cinco meses após nosso encontro, Miro encontrava-se foragido devido a uma ameaça de morte que sofrera de narcotraficantes. O motivo de seu desaparecimento, segundo disseram-me outros jovens, teria sido uma dívida com o narcotráfico local. Desde então, não o vi mais, nem tive notícias sobre seu paradeiro.

A região do Estrela d'Alva: breves considerações

A região em que Miro passou a infância e viveu até o momento da entrevista se localiza no município de Contagem, o segundo mais populoso da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com 603.442 habitantes, situado em uma área fronteira com o município central, nas imediações da Lagoa da Pampulha. Segundo os moradores mais antigos, o adensamento da região decorreu do parcelamento de fazendas e sítios de veraneio no início da década de 1980, processo esse que Souza e Brito (2008) relacionam à dinâmica de especulação imobiliária destinada à acomodação das populações migrantes de baixa renda que não conseguia fixar-se na capital mineira. De modo semelhante a muitas outras áreas classificadas como “periferia”, a ocupação do Estrela d'Alva ocorreu antes da urbanização. A região permaneceu por mais de 15 anos sem infraestrutura urbana e isso contribuiu para que processos erosivos evoluíssem a ponto de formar uma voçoroca – espécie de escavação em terrenos causada por erosão⁶ – conhecida localmente por “buracão”. Segundo uma moradora, “cabia um prédio de nove andares no buracão, que, nos anos de 1990 provocava desmoronamentos e o soterramento de residências e morte de pessoas” (registros de campo, 2013).

Os moradores também destacaram a relevância da religiosidade católica como meio de fortalecimento de vínculos sociais, onde problemas da vida cotidiana eram discutidos, encontrando espaço para organizarem-se politicamente em torno de demandas como infraestrutura e serviços urbanos. Em 1997, a partir de rejeitos e detritos decorrentes da construção de um shopping em Contagem, o “buracão” foi tapado

6 Para definição técnica do termo, ver Guerra e Guerra (2010).

e, ao longo dos anos 2000, a cobertura de serviços de esgotamento sanitário, distribuição de água, rede elétrica e coleta de lixo passou a atingir mais de 90% dos domicílios. Além disso, os serviços de saúde e escolarização também chegaram a parcelas significativas da população na região (Censos Demográficos 2000 e 2010). Contudo, no novo milênio os problemas locais não se traduziam mais pela falta de infraestrutura e serviços, e sim pelo aumento da violência em torno de atividades criminalizadas instaladas na região, como o narcotráfico principalmente. Em 2008, Contagem atingiu a marca de 13º município com maior Índice de Homicídios de Adolescentes (IHA)⁷, com 4,55 no ranking nacional das municipalidades com mais de 200 mil habitantes. Neste período, o Estrela d'Alva era uma das áreas mais violentas de Contagem e, em março de 2010, a região ficou nacionalmente conhecida em função de um toque de recolher que perdurou por duas semanas, durante as quais os estabelecimentos comerciais e os serviços públicos e privados ficaram impedidos de atender à população (KATTAH, 08/04/2010).

A concentração dos problemas de violência e de mortes juvenis atraiu para a região, em julho de 2010, o Programa Conjunto, Segurança com Cidadania, gerido pela Organização das Nações Unidas no Brasil, cujo principal objetivo era a redução dos homicídios de crianças, de adolescentes e de jovens. A ação da ONU encerrou-se em dezembro de 2012 e foi por meio dela que conheci e acessei a região, envolvendo-me voluntariamente em atividades junto aos jovens. Desde então, permaneci na região por mais dois anos, período no qual acompanhei a rotina de alguns deles em esferas sociais relacionadas ao hip-hop, à religião, ao trabalho, às vidas familiar e pública, realizando uma pesquisa etnográfica. Não realizei pesquisa em lugares de domínio direto do tráfico de drogas (bocas ou biqueiras). Meu interesse eram as trajetórias de jovens da periferia que pressupus serem heterogêneas e inter cruzadas por dinâmicas sociais diversas, inclusive as criminais. De um modo geral, a experiência de campo em relação aos relatos biográficos indicou como problemática a inserção dos jovens à vida social metropolitana. Portanto, discutir acerca dos percursos e dilemas enfrentados por Miro na transição para a vida adulta é um ponto fundamental.

7 O IHA estima o risco de mortalidade por homicídio de adolescentes que residem em um determinado território. Foi realizado a partir de trabalho em parceria entre a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (SPDCA/SEDH), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Observatório de Favelas e o Laboratório de Análise da Violência (LAV), da Uerj.

Dilemas e percursos de vida: a trajetória de Miro

Considerando os limites da proposta desenvolvida neste artigo, apresentarei alguns fragmentos biográficos da entrevista com Miro (Entrevista 1) que sintetizam em sua trajetória de vida experiências desde a infância até o momento da entrevista. Busquei por meio desses fragmentos expor percursos que envolvem as vivências no bairro, experiências na rua, na escola, na igreja, no trabalho, no tráfico de drogas e no hip-hop. Há um trecho no qual Miro, aos 22 anos de idade, reflete sobre os dilemas dos caminhos a seguir na transição para a vida adulta.

Memórias da infância no bairro e alguns percursos laborais e escolares

– Eu lembro, isso aqui tudo era mato, isso aqui tudo era mato, a praça ali... Eu lembro, a praça do Estrela d'Alva, fraga⁸, era rua de terra e ali era tipo um parquinho com uns brinquedinhos velhos, e só depois de muito tempo que mudou. Eu moro aqui desde os meus 5 anos de idade. Vim pra cá porque minha avó adoeceu lá no interior. E como lá não tem estrutura pra atender, trouxeram pra BH. (...) Eu tinha uma vida saudável como a de qualquer outra criança numa comunidade. Eu brincava na rua, eu estudava e, tipo, ia pra igreja. Meu primeiro beijo na boca foi com 10 anos, e comecei a namorar sério dentro de casa com 12 anos, véi, saca? Eu fui da igreja muito tempo e na época era adventista. Com os meus 13 anos, eu catava latinha, dava pra arrumar uma graninha e fazia alguns bicos para alguns comerciantes, tipo para comprar um tênis, fraga, pra eu sair, mas isso daí foi me deixando revoltado: "Pô, tô ganhando pouco demais, véi, nó..., ralando o dia inteiro e ganhando muito pouco". (...) Entre meus 10 até os 14 eu tinha saído da igreja. Eu fui e conheci a maconha, isso na escola. Eu conheci a maconha dentro da escola com amigos. E tinha época que eu era o capeta da escola, fraga: badernava, eu já tomei suspensão de duas semanas; no [escola municipal] Wancleber eu já fui expulso duas vezes; fui expulso e voltei pra escola. E teve uma época que eu era um dos melhores alunos da escola: cheguei a ganhar um prêmio de melhor aluno, e teve uma professora que chegou a chorar. E ela disse: "Você me deu muito trabalho nessa escola. Tiveram dias em que chegava em casa passando mal por culpa sua; eu tinha vontade de matar você nessa sala. Mas hoje você provou pra todo mundo que você é uma lenda viva, que você pode realmente mudar se você quiser".

8 A expressão "fraga" é uma gíria vocativa usada em Minas Gerais com função fática, com o sentido de verificar se o outro está acompanhando o que é dito e como auxiliar conversacional. É algo semelhante a "entendeu?", "sacou?" ou "sabe qual é?"; de outras regiões.

Percursos: vida religiosa

– Eu sempre dancei, né, *véi*? Eu estava com meus 15 anos e aí eu tinha um ministério de dança na igreja. Era o “Atos 2” na época, e era bacana demais. E na escola mesmo eu já pregava o evangelho pra galera, pregava uns testemunhos, falava da Bíblia mesmo, falava de Deus. Depois eu ia pra casa, fazia as minhas obrigações. Às vezes eu ajudava a minha mãe numa boa. E em casa eu tinha o meu tempo de ler a Bíblia e depois, mais tarde, eu ia curtir os hip-hop evangélico mesmo, saca, mano? À tarde eu trombava com os cara da igreja para ir ao monte orar, ou então a gente ficava lendo a Bíblia um na casa do outro. Isso era durante a semana. No final de semana, eu dedicava ao ensaio do grupo da igreja. Na sexta-feira, no sábado, eram as células que, tipo, eram uns encontros que no final de semana a gente fazia. Mas aí, com os meus 17 anos, fui ficando revoltado com algumas coisas que eu achava que na minha visão eram erradas dentro da igreja, e ainda são: “Você vai ficar dois meses de castigo porque você fez isso, porque você não tem 18 anos e ficou com a menina! Você deu um beijo na menina! Vai ficar dois meses de banco. Você vai ficar tantos meses de banco!” O banco é tipo um castigo, entendeu? Tipo, aí eu fui e comecei a falar: “Ah, já que tá tudo errado mesmo, eu vou fazer da maneira que eu acho que é correto”, saca? E, nisso, logo que saí da igreja eu me envolvi com o tráfico. Fraga? Me envolvi.

Percursos: tráfico de drogas e hip-hop

– E você começa a viver outra vida, em prol do crime, você começa a trabalhar para os chefões, entendeu? Você cria um compromisso, mas chega uma hora que, tipo, *véi*, você fica alienado, fraga: “Porra, eu tenho que perder noite de sono, porque de madrugada tem os noiados que vêm comprar pedra [*crack*]”. E aí, de dia, você vai dormir e você tem umas quatro ou cinco horas de sono, e à tarde você volta de novo pra biqueira, fraga, trabalha muito. (...) Mas aí, quando eu vi que o crime não estava compensando, que eu estava arriscando minha vida de tomar bala de outros traficantes, fraga, de guerra, ou de ser preso, ou tomar tiro da própria polícia, eu falei: “Ah, não, meu dinheiro tá sendo muito pouco aqui no crime, fraga”. E aí, quando eu estava começando a perceber isso, veio para cá o projeto

de Mídia Tática, desenvolvido pela Oficina de Imagens, que é uma ONG lá de BH. (...) No início eu não curtia muito as reuniões, mas aí eles foram começando a mostrar umas coisas que eu fazia antigamente, fraga, ações que eu fazia e que era a dança e o hip-hop, que estava transformando uma galera em outros lugares. Aí eu falei: “Poxa, eu faço isso. Será que eu realmente consigo mudar as pessoas?” (...) E aí eu fui começando a deixar de lado o crime, fraga. E aí, quando eu decidi realmente, eu chamei os caras todos e cheguei de frente e falei: “Até hoje eu nunca vacilei com vocês, nunca vacilei com ninguém aqui no tráfico e, mano, vocês me conheceram aí e eu sempre mexi com hip-hop, fraga, eu deixei de lado por causa do crime, mas eu estou disposto a voltar para o meu movimento”. E aí os caras, os próprios caras do crime, me deram o maior apoio: “Pô, cara, realmente, bacana, vai lá, volta com seu trampo”.

Percursos: hip-hop e os novos rumos de vida

– E aí eu voltei e eu comecei [a] participar fodasticamente, permanentemente, das ações. E aí eu me formei, ano passado. Ano passado eu me formei no 3º ano [último ano do Ensino Médio] na Cesec [Centro de Educação Continuada], e comecei a dar oficinas de break, a fazer oficinas de rima; me formei e aí comecei a fazer curso de literatura, e aí eu me formei como poeta. (...) Hoje, eu sou escritor e poeta. E depois eu comecei a fazer curso de designer fotográfico e a mexer com edições e tal. E aí logo nesse ano eu fui e entrei pra faculdade. Tipo, no início eu fiquei empolgado, mas eu tive proximidade com poucos alunos, saca? Porque a maioria, tipo, é nariz em pé e olha pra você assim e: “Quem que você é? De onde você é?” E aí eu dizia: “Sou..., faço uns trampos de hip-hop, moro na quebrada tal”. E os caras: “Nossa! Você é de lá, véi? Porra, beleza o seu trabalho, hein, cara!” Saca? Tipo, pelo meu contexto, eu moro na favela, eu sou preto e moro na favela, mexo com hip-hop: “Nossa, você mexe com hip-hop? Você é preto da favela?” E isso é uma facada no peito para uma pessoa que, tipo, mudou de vida. Fraga? Porra, mano, eu mudei e ainda tem gente que torce para eu estar na errada, fraga, para eu voltar para o lugar de onde eu vim.

Aos 22 anos: dilemas sobre os caminhos a seguir

– Então, se eu estou neste mundão aqui, eu tenho que escolher: ou eu vou para o caminho certo ou eu vou para o errado. Qual que é o caminho certo? É tramar [trabalhar], fraga, ter um trampo honesto e ser um cidadão honesto. O caminho errado é traficar, vender droga, entrar pro crime, é roubar, fraga. Tipo, você tem esses dois caminhos. E aí? Qual é o lado que eu vou seguir? Então, você fica na intermediária, você fica no meio, você não sabe se vai para o caminho certo ou para o errado. E você, estando no meio a rua, vai te ensinando: “Ó, você tá vendo ali?” (...) E aí, você entra naquela, pois quando você amplia mesmo os seus conhecimentos... É aquilo, porra, eu não quero ser do caminho errado, mas também não quero ser do caminho do bem. Porque o caminho errado é só o errado e o caminho do bem é só o caminho do bem. E a galera do bem às vezes são leigas demais, são alienadas, entendeu? Eles não querem se informar e nem querem informar as pessoas. (...) Mas e agora? Agora, fodeu tudo, mano. Porra, então eu vou ser alternativo, fraga; eu vou fazer as minhas paradas de bem, mas quando eu ver que está errado, eu vou à luta: sabendo que está errado, eu vou lutar contra, entendeu? Então eu estou nesse meio, inserido nessa intermediária; é esse o peso que a rua te traz, essa responsabilidade. E se você está entrando no errado, segura sua onda então, mano: você vai ter que segurar sua onda no errado, porque se você não segurar sua onda, você cai. E aí você próprio vai se desabrindo: o que você é, qual é o seu papel na sociedade através da rua.

Considerações

Aos 22 anos, no momento de transição para a vida adulta, fase na qual “amplia mesmo os seus conhecimentos”, Miro percebe-se em uma situação de fronteira, entre dois caminhos, “do bem” e “do mal”, dos quais tenta escapar por meio de vias “intermediárias”. Corroborando a perspectiva trazida pela categoria “jovem da periferia” em Feltran (2010), atravessando sua transição para a vida adulta (PAIS, 2009). Desde a infância e do início da adolescência Miro já havia realizado sua inserção laboral, iniciação sexual, tendo morado fora da casa dos pais, considerando-se “sujeito homem” antes mesmo da “idade”. Tais percursos geraram conflitos entre os aprendizados trazidos pela “rua” com as regras de instituições como a igreja e a esco-

la. Enquanto a primeira proibia o namoro aos menores de 18 anos, a segunda o tratava como “aluno”. A via “intermediária” não possui uma forma tão clara como as regras institucionais, nem é predeterminada por elas. De acordo com Miro, “é a rua é que, vei, te ensin[a], ela é quem orientava suas ações nas esferas privadas. A instabilidade de seus percursos escolares e religiosos, e mesmo de seu percurso no tráfico, expõe os trânsitos realizados pelo jovem entre a “rua” e as demais esferas sociais.

Essa condição “de fronteira” percebida nos limites impostos pela vida social, articulada entre apenas “dois caminhos”, faz referência à dicotomia moral teológica e mostra sua relevância na periferia, e na sociedade em geral, como reguladora das visões de mundo, ao estabelecer dois destinos possíveis: céu ou inferno. O “trabalhador de bem” corresponderia ao “fiel”, pessoa conformada em realizar grandes sacrifícios sem questionar nem reclamar. Por outro lado, o “caminho do mal” representaria uma oposição radical à essa condição temerosa e, por isso, infernal. Haveria algo como uma guerra: “Se você não segurar sua onda você cai” ou seja, morre violentamente, fica aleijado ou é preso. O jovem demonstra conhecer bem os “dois caminhos”. Por outro lado, sua busca por uma posição “intermediária” não o livra dos constrangimentos impostos por ambos os caminhos. Ela assume uma forma híbrida, instável e dependente das contingências. Como expressa Miro: “Eu vou fazer as minhas paradas de bem, mas quando eu ver que está errado eu vou à luta: sabendo que está errado, eu vou lutar contra”.

Por outro lado, sua condição de jovem da periferia torna intransponíveis alguns caminhos, mesmo quando alcançados por mérito próprio, como foi seu breve percurso na universidade. Logo ele teve que deparar-se com as questões: “Quem que você é? De onde você é?” “Nossa! Você é de lá?”. Ao perceber a reação dos colegas de universidade, Miro sente-se como se levasse uma punhalada no peito, e conclui: “Tem gente que torce para eu estar na errada, fraga, para eu voltar para o lugar de onde eu vim.” Como se sua identidade e seu valor moral e social estivessem fortemente relacionados à posição social ocupada na sociedade, o que confirma a perspectiva trazida no conceito de “sujeição criminal” (MISSE, 2010). O jovem buscava também fugir dessa condição a partir de si mesmo, procurando expurgar o “mal” de sua vida, tendo como um ideal de vida oferecer o mesmo a outros jovens que compartilham da mesma

condição: “Será que eu realmente consigo mudar as pessoas?” Na periferia, é muito marcante, no discurso religioso e no próprio hip-hop, a temática sobre “mudar de vida”, “transformar as pessoas” e, ao mesmo tempo, fazer concorrência à adesão juvenil ao crime (BIRMAN e MACHADO, 2012). Miro parece ter assimilado bem essa perspectiva vigente nesses dois espaços.

Ao mesmo tempo, a saída do crime, no período do Mídia Tática, teve relação com decepções percebidas também no “mundo do crime”: “Ah não, meu dinheiro tá sendo muito pouco aqui”. É algo semelhante ao “caminho de volta” de Pedro narrado por Feltran (2010, p. 98), no qual o jovem vislumbrava inicialmente uma euforia pelo acesso ao consumo, mas que depois é substituída pelas agruras desse ofício na contabilidade entre riscos e ganhos. No “caminho do bem” o jovem também não se sentiu recompensado ou valorizado em seus percursos laborais: “Pô to ganhando pouco demais, véi, nó..., ralando o dia inteiro e ganhando muito pouco”. Por outro lado, nesse vai e vem entre caminhos radicais, Miro recorreu pela última vez ao “caminho do mal” sem conseguir “segurar a onda” e, assim, teve que abandonar a região em que construiu sua vida para não ser assassinado. Tentou caminhar entre os “dois mundos”, mas não conseguiu, até mesmo porque no tráfico, diferentemente de na igreja, o “vacilo” não é perdoado. A igreja aceita dos fiéis o arrependimento, mas o tráfico, ao contrário, mantém sua ordem e seu domínio pela imposição do medo, por meio de castigos exemplares (MACHADO DA SILVA, 2008).

Por fim, longe de querer aqui esgotar as possibilidades e limites de análise permita por sua trajetória, reconhece-se que os “percursos de vida” de Miro expõem limites impostos em geral à inserção social de sujeitos que, como ele, partilham socialmente de um estatuto semelhante ao do “imigrante” clandestino na sociedade (FELTRAN, 2010). Embora as experiências juvenis na periferia não se resumam obviamente aos caminhos representados pela narrativa construída em torno desse jovem, essa narrativa constitui uma referência relevante para a compreensão da questão da inserção social juvenil, em geral, no contexto metropolitano contemporâneo. E, além disso, sua trajetória de vida expôs a periferia – no caso a região do Estrela d’Alva – como um campo em disputa, entre ordens sociais divergentes, demonstrando que a vida da geração que nasceu e/ou cresceu nesse contexto é atravessada por essas disputas que proporcionam percepções de mundo “duais” e “excludentes”, como a relatada por Miro.

Referências

- ADORNO, Sérgio. (1993), “A experiência precoce da punição”. Em: MARTINS, José de Souza (org). O massacre dos inocentes: A criança sem infância no Brasil. São Paulo, Hucitec.
- BIRMAN, Patrícia [e] MACHADO, Carly. (2012), “A violência dos justos: Evangélicos, mídia e periferias da metrópole”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 27, nº 80, pp. 55-69.
- BOURGOIS, Philippe. (2003), In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio. Nova York, Cambridge University Press.
- CANO, Ignacio [e] SANTOS, Nilton. (2001), Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil. Rio de Janeiro, 7Letras.
- CARDOSO, Adalberto. (2008), “Transições da escola para o trabalho no Brasil: Persistência da desigualdade e frustração de expectativas”. Dados: Revista de Ciências Sociais, Vol. 51, nº 3, pp. 569-616.
- CARRANO, Paulo César [e] LEÃO, Geraldo. (2009), “Trajetórias e modos de vida de jovens de espaços populares”. Anais da VIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM).
- GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto [e] CARDOSO, Vânia (orgs). (2012), “Introdução”. Em: Etnobiografia: Subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 9-18.
- GUERRA, Antônio Teixeira [e] GUERRA, Antônio José Teixeira. (2010), Novo dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- IBGE. (2013), Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível (on-line) em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm
- _____. (2013), Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível (on-line) em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>

- KATTAH, Eduardo. (08/04/2010), “Bairro de Contagem-MG vive 5º dia de toque de recolher”. Agência Estado. Disponível (on-line): <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,bairro-de-contagem-mg-vive-5-dia-de-toque-de-recolher,535743>
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. (2004), “Sociabilidade violenta: Por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano”. *Sociedade e Estado*, Vol. 19, nº 1, pp. 53-84.
- _____(org). (2008), *Vida sob cerco: Violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1984), “Tema, método e objetivo desta pesquisa”. *Malinowski: Coleção os Pensadores*. São Paulo, Nova Cultural.
- MALVASI, Paulo Artur. (2012), *Interfaces da vida loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo*. Tese (doutorado), Faculdade de Saúde Pública, USP.
- MARICATO, Ermínia. (2003), “Conhecer para resolver a cidade ilegal”. Em: CASTRIOLA, Leonardo (org). *Urbanização brasileira: Redescobertas*. São Paulo, C/Arte, pp. 78-96.
- MISSE, Michel. (2010), “Crime, sujeito e sujeição criminal: Aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria ‘bandido’”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, nº 79, pp. 15-38.
- MORAIS, Normanda Araújo. (2009), *Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Entre o risco e a proteção*. Tese (doutorado), UFRGS.
- NERI, Marcelo. (2010), *A nova classe média: O lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro, FGV Editora.
- PAIS, José Machado. (2009), “A juventude como fase de vida: Dos ritos de passagem aos ritos de impasse”. *Sociedade*, Vol. 18, nº 3, pp. 371-381.

- PARK, Robert. (1973), "A cidade: Sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano". Em: VELHO, Otávio (org). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar.
- RADIN, Paul. (1926), *Crashing Thunder: The Autobiography of an American Indian*. Nova York, D. Appleton & Co.
- SANTOS, Antônio Cesar. (2005), "Fontes orais: Testemunhos, trajetórias de vida e história". Comunicação apresentada à Mesa Redonda A Produção Historiográfica e as Fontes Orais, evento comemorativo do sesquicentário do Arquivo Público do Paraná, Curitiba.
- SILVA, Marilda da [e] CARLINDO, Eva Poliana. (2011), "Trajetória de vida, saberes teóricos e saberes práticos: Elementos estruturantes da formação e atuação docente". EM: PINHO, Sheila Zambello de [e] OLIVEIRA, José Brás Barreto de (orgs). Núcleos de Ensino da Unesp: Artigos dos projetos realizados em 2007. São Paulo, Cultura Acadêmica, pp. 577-591.
- SOARES, Luiz Eduardo. (2005), "Invisibilidade". Em: SOARES, Luiz Eduardo; BILL, MV [e] ATHAYDE, Celso. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- SOUZA, Joseane de [e] BRITO, Fausto. (2008), "Expansão urbana de Belo Horizonte e da RMBH: A mobilidade residencial e o processo de periferização nos anos 80 e 90". Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina (MG).
- TOMMASI, Livia. (2012), "Nem bandidos nem trabalhadores baratos: Trajetórias de jovens da periferia de Natal". *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Vol. 5, nº 1, pp. 101-129.
- VALLADARES, Licia do Prado. (2005), *A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro, FGV Editora.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. (2008), "China-Paraguai-Brasil: Uma rota para pensar a economia informal". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 23, nº 67, pp 117-133.

WACQUANT, Loïc. (2009), Punishing the Poor: The Neoliberal Government of Social Insecurity. Durham (EUA), Duke University Press.

ZALUAR, Alba [e] ALVITO, Marcos. (1998), Um século de favela. Rio de Janeiro, FGV Editora.

RESUMEN: A partir de una investigación etnográfica y biográfica, este artículo presenta la trayectoria de Miro, un joven de 22 años de edad, negro y residente en la región de Estrela d'Alva, periferia de la metrópole de Belo Horizonte, Minas Gerais. Es una historia marcada por altas tasas de homicidios de jóvenes, tráfico de drogas y segregación social. El objetivo de este trabajo es contribuir al debate sobre las nuevas configuraciones de la desigualdad social en zonas metropolitanas de Brasil a partir del análisis de una "trayectoria de vida" como una alternativa epistemológica a la construcción del conocimiento social. A través de los "caminos de la vida" de Miro, se revelan los límites de la inclusión social de las personas que comparten un status semejante al de un "inmigrante" clandestino en la sociedad.

Palabras clave: trayectoria de vida, desigualdad social, juventud, periferia metropolitana, Estrela d'Alva

MARCO ANTÔNIO COUTO MARINHO (coutomarinho@gmail.com) é pesquisador associado do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT/CNPq) Observatório das Metrôpoles. É doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas, Belo Horizonte, Brasil) e tem graduação em geografia pela PUC-Minas, tendo ainda especialização em Estudos de Criminalidade e Segurança Pública na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, Belo Horizonte, Brasil).